

# UMA ANÁLISE DISCURSIVA DA IDENTIDADE SOCIAL DE UM PARCELEIRO DO ASSENTAMENTO SERRA

*Silvane Aparecida de Freitas Martins (UEMS)*

**Resumo:** Temos como objetivo, neste artigo, analisar o discurso de um parceleiro do Assentamento Serra, com o fito iniciarmos o registro da história de vida dos moradores do local. Para isso, por meio da coleta de relatos de um dos moradores, procuramos tecer significados sobre como moram, o valor atribuído ao processo de letramento, onde vivia antes e porque deixou suas raízes para fazer parte desse Assentamento.

**Palavras-chave:** Identidade. Alteridade. História de Vida.

**Abstract:** We have as objective, in this article, to analyze the speech of a parceleiro of the Nesting Mountain range, with I look it to initiate the register of the history of life of these inhabitants. For this, by means of the collection of stories of one of the inhabitants, we look for to weave meanings on as they live, the value attributed to the letramento process, where it lived before and because it left its raízes to be part of this Nesting.

**Key words:** Identity. Alteridade. History of Life.

## INTRODUÇÃO

A difusão do termo inclusão no "âmbito" da educação tem como pano de fundo o debate sobre globalização e, especialmente, aquelas visões que a caracterizam como um processo que gera desigualdades. Nesse contexto, temos que a idéia de inclusão vai muito além do modo como o sistema educacional acolhe e distribui os alunos durante o processo de escolarização. Ela abrange não apenas o direito à educação, mas também os modos de participação que decorrem das formas de sociabilidade disponíveis para os sujeitos. A idéia de inclusão social diz respeito às formas de participação de indivíduos e grupos nas esferas econômica, política e cultural.

Atualmente, defende-se com bastante ênfase a questão da escola inclusiva. No entanto, a maioria dos discursos sobre essa temática está mais voltada para a inclusão de indivíduos portadores de necessidades especiais, restringindo, assim, a amplitude do discurso da diversidade. Entendemos que uma educação que prima pela inclusão é aquela que almeja a diversidade e almejá-la é, não só respeitá-la, mas, sobretudo, valorizar as diferenças.

Assim sendo, este nosso estudo primará, pela inclusão social. Inclusão dos que estão à margem da sociedade. Para esse fim, elegemos como objeto de estudo os parceleiros do Assentamento Serra. Esse Assentamento está localizado na região nordeste do estado de Mato Grosso do Sul, no município de Paranaíba-MS. A área é composta de 116 lotes (parcelas), possuindo em média vinte hectares cada, agregando 116 famílias, que passaram a fazer parte do Assentamento a partir de 12 de dezembro de 1997, data em que foi realizado o sorteio dos lotes.

É importante salientar que, segundo o Plano de Desenvolvimento Sustentável de Assentamento da Reforma Agrária – Projeto de Assentamento Serra (1998), a maioria das famílias assentadas são provenientes da região do Bolsão Sul-matogrossense (municípios de Paranaíba, Cassilândia, Inocência, Aparecida do Tabuado e Três Lagoas) – que estavam desempregadas ou subempregadas -, tinham nas atividades agropecuárias a sua manutenção e a de suas famílias e, devido a falta de oportunidades no meio em que viviam, foram obrigadas a migrarem. Além dessas, há algumas famílias que vieram de outros estados em busca de melhores oportunidades e, por estarem desempregadas, viram na reforma agrária um meio de desempenharem a sua profissão e manterem as suas famílias.

Conhecer a realidade a ser pesquisada é essencial para o desenvolvimento de qualquer pesquisa. Tanto mais necessária ainda é esta condição quando se trata de povos que vivem à margem da sociedade, como é o caso dos assentados do Assentamento Serra. Assim sendo, nossa grande meta nesta pesquisa é conhecer a realidade dos moradores do assentamento Serra? Onde moram? Como moram? Qual nível de escolaridade? Onde viviam antes de fazer parte desse assentamento? Por que deixaram suas raízes (antigas moradias e residências) para fazer parte desse assentamento?

Sabemos que as características de um povo não podem ser atribuídas improvisadamente, são produzidas ao longo de uma história de trabalho conseqüente e, por isso, é necessário certo tempo para que possamos entendê-la melhor e, assim quem sabe, interferir positivamente na realidade encontrada (se necessário for).

Por ser um povo marginalizado pela sociedade, que vive em condições sócio-econômico-culturais estigmatizadas é que necessitam da sociedade não só mais atenção, mas, sobretudo, de ações que visem a sua inclusão sócio-político-cultural, com o fito de propiciar a esses moradores condições para que possam:

- a) defender-se da exploração;
- b) defender seus territórios;
- c) progredir para além da alfabetização inicial;
- d) apropriar das técnicas do letramento e processos subseqüentes;
- e) sentir-se prestigiados perante o mundo (ORLANDI, 2002, p. 242).

Assim sendo, iniciamos nossa pesquisa, coletando a história de vida dos moradores do Assentamento Serra, com o fito de dar voz a esses moradores, conhecer melhor o ponto de vista deles sobre suas lutas para sobreviver no campo e seus anseios e expectativas de vida nesse local. Para este artigo, selecionamos a narrativa de um dos moradores que reside no local desde o sorteio das parcelas de terra entre os moradores.

## **1. A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE SOCIAL E A DIVERSIDADE CULTURAL**

Para melhor entender a história de um povo, necessário se faz, que, primeiramente, entendamos o processo de formação de nossas identidades. Ao usarmos o termo “nossas identidades” no plural, de imediato, estamos nos remetendo a uma perspectiva teórica que defende o princípio de que a identidade é um movimento na história; que, nos processos identitários, é necessário atentar a afirmação da identidade em sua inserção social. E, finalmente, o fato de que é necessário deixar um espaço de elaboração, ou melhor, é preciso elaborar um espaço para que o indivíduo trabalhe

[...] seus processos identitários de modo politicamente significado. Isso quer dizer que na perspectiva discursiva, a identidade resulta de processos e estes são da ordem do simbólico, do social e do político, no modo como são praticados na história, com suas causas e conseqüências (ORLANDI, 2002, p. 235).

Assim sendo, a construção de identidade social é vista como estando sempre em processo, pois é dependente da realização discursiva em circunstâncias particulares: os significados que os participantes dão a si mesmos e aos outros engajados no processo. Isso posto, não podemos falar em identidade como um fato já concluído, devemos pensá-la como um processo contínuo, uma produção, que nunca está completa, é constituída sempre dentro da representação, isto é, do discurso.

Orlandi (2001) parte de quatro afirmações básicas para definir identidade:

- 1) a identidade é um movimento na história;
- 2) ao significar o sujeito se significa;
- 3) identidade não se aprende, não resulta de processos de aprendizagem, mas refere, isso sim, a posições que se constituem em processos de memórias afetados pelo inconsciente e pela ideologia;
- 4) todo processo de significação é constituído por uma “mexida” (deslize) em rede de filiações (M. Pêcheux, 1983), sendo, desse modo, ao mesmo tempo, repetição e deslocamento.

Analisemos cada um dos itens anteriores. No primeiro, a identidade é um movimento na história - a autora quis afirmar que a identidade não é sempre igual a si mesma. Ela não é homogênea, se transforma. Não há identidades fixas e categóricas. A identidade imóvel é uma ilusão, se por um lado é parte de um imaginário que nos garante uma unidade necessária nos processos identitários, por outro lado, é ponto de ancoragem de preconceitos e de processos de exclusão.

No segundo, ao significar, o sujeito se significa -, podemos afirmar que os sentidos não são algo que se dá independente do sujeito. Ao significar nos significamos. Ao fazer uso da linguagem, posicionamo-nos, desnudamo-nos. Sujeito e sentido se configuram ao mesmo tempo e é nisto que consistem os processos de identificação. Os mecanismos de produção dos sentidos são também os mecanismos de produção dos sujeitos.

No terceiro, identidade não se aprende -, vimos que os sentidos – e os sujeitos – resultam de filiações em rede (na relação de distintas formações discursivas) em cujo jogo somos pegos, pelo (desde o) interior. Não temos acesso à origem dos sentidos e é por um mecanismo ideológico elementar que nos “situamos” na sua origem, tendo assim a impressão de que eles começam em nós, como se fôssemos sujeitos sempre já constituídos. Ao contrário, é nesse jogo entre a língua e a história que, ao produzirmos, nos produzimos como sujeitos. Somos pegos pelo real da língua e pelo real da história sem todavia termos acesso ao modo pela qual a língua nos afeta nessa sua relação com a história.

Identificamo-nos com certas idéias, com certos assuntos, com certas afirmações porque temos a sensação de que elas “batem” com algo que temos em nós. Ora, este algo é o que chamamos de interdiscurso, o saber discursivo, a memória dos sentidos que foram se constituindo em nossa relação com a linguagem. Assim, filiamo-nos a redes de sentidos, identificamo-nos com processos de significação e nos constituímos como posições de sujeitos relativas às formações discursivas, em face das quais os sentidos fazem sentido.

Finalmente, no quarto item, temos que se a identidade é um movimento na história, é justamente porque todo processo de significação é uma mexida (deslize) em redes de filiação (na relação entre formações discursivas, no conjunto da memória) de tal modo que o sujeito se produz ao mesmo tempo como repetição e como deslocamento. É importante salientar que, segundo Orlandi (2001, p. 208), o que se repete é o que dá a unidade. No entanto, a repetição não é mera reprodução. Ela pode trazer a elaboração, a formulação nova, o deslocamento.

## **2. NARRATIVA PESSOAL: UM GÊNERO DE IDENTIFICAÇÃO SOCIAL E IDEOLÓGICA DO AUTOR**

Para Bakhtin (1992a), a linguagem permeia toda a vida social e preenche nela um papel central na formação sociopolítica e nos sistemas ideológicos, tudo “que é ideológico possui um *significado* e remete a algo situado fora de si mesmo”. Entre linguagem e sociedade existem relações dinâmicas e complexas que se materializam nos discursos, ou melhor, nos gêneros do discurso. Partimos do pressuposto, assim como Meurer (2002) que todo texto tem o poder construtivo tríplice de constituir representações, relações e identidades.

Tendo em vista a pesquisa em desenvolvimento “História de vidas: a construção da identidade dos parceiros do Assentamento Serra”, financiada pela FUNDECT/MS, em que nos deslocamos até o Assentamento quinzenalmente, durante um período de oito meses consecutivos, tivemos a oportunidade de coletar não só as narrativas das histórias de vida desse povo, como também conhecê-los melhor, compartilhar um pouco de suas angústias, expectativas e lutas.

Dessa forma, neste artigo, analisaremos a narrativa pessoal de um dos moradores do Assentamento Serra, Geraldo Alves dos Santos, atual presidente da Associação de moradores do Assentamento, objetivando compreender sua história, os processos de indentificações/identidades, suas revoltas, filiações, anseios e expectativas.

É importante ressaltar que esse morador está no Assentamento desde o sorteio dos lotes que se deu em 1998, que segundo os atuais moradores, ocorreu de forma pacífica, já que o proprietário da terra estava muito endividado e sua única saída seria entregá-la ao INCRA que, em seguida, dividiu a terra entre os trabalhadores rurais inscritos para receber seu lote e realizar seu sonho de viver e plantar no que é seu.

Eu me sinto bem morando no Assentamento. Meu sonho era conseguir um pedaço de terra. Eu morava em Paranaíba, trabalhava de empregado na fazenda dos outros, por empreita. A família ficava sozinha na cidade, passando necessidades. Fui atrás de melhoria de vida e melhorou, melhorou a criação dos filhos. Conseguimos essas terras sem muito sacrifício (GERALDO ALVES DOS SANTOS).

Pelo exposto, percebe-se que há muitos dogmas e preconceitos que atravessam toda a história dos “Sem Terra”, que inevitavelmente, são transferidos para todo e qualquer assentado, já que há todo um discurso veiculado que os assentados são preguiçosos que querem ganhar seu pedaço de terra sem trabalhar. Pelo discurso desse morador, ele já era um trabalhador rural antes de ganhar suas terras, “trabalhava de empregado na fazenda dos

outros, por empreita. A família ficava sozinha na cidade passando necessidades”, não era uma pessoa desocupada, simplesmente tinha o sonho de conseguir o seu pedaço de terra para melhorar sua vida e a de seus familiares.

No entanto, entre o sonho e a realidade há uma grande distância, o assentado para continuar vivendo em sua terra precisa de muita persistência e luta para sobreviver, pois

A nossa vida aqui não é fácil. Faltam muitos recursos. A água do poço que temos não é suficiente para todo mundo. A prefeitura não ajuda, eu como sou presidente da “Associação dos pequenos produtores em regime familiar - Parceiros do Assentamento Serra” fui até Campo Grande buscar recursos no DAS [...]. Falta uma ambulância no local, já aconteceram óbitos por falta de como sair pra cidade pra socorrer a pessoa. O Posto de Saúde só funciona uma vez por semana. [...] No Assentamento todo, só tem um orelhão que fica na escola. Esse é pra atender todo mundo, quem quiser telefonar tem que ir lá.[...] Não tem quem vende cartão telefônico, então quando a gente vai à cidade se a gente tem dinheiro a gente compra bastante cartão pra passar o mês (GERALDO ALVES DOS SANTOS).

Mediante tal discurso, percebe-se a presença de um sujeito posicionado social e culturalmente, com pontos de vista, posições ideológicas, materializando-se no discurso como relações de sentido (BAKHTIN, 1992a), percebe os problemas existentes no local, vai à luta, à procura de soluções para os problemas.

Assim sendo, podemos afirmar que tanto a identidade dos moradores do Assentamento Serra, quanto a sua cultura estão em movimento, sobretudo, devido ao processo de busca de soluções para os problemas que o afligem, não estão estagnados esperando a solução dos problemas de braços cruzados, não se contentaram em apenas ganhar uma parcela de terra, precisam dela para sobreviver, mas também precisam de condições de vida digna no local.

Por isso é importante propor Projetos para que os parceiros participem ativamente como sujeito que pratica sua cultura, e se transforma, transformando-a. É preciso pensar a questão dos assentados como uma ação transformadora da/na sociedade, já que vivem em comunidade, num local em que o socialismo, as ações solidárias e comunitárias deveriam imperar, no entanto, sabemos que, para uma cultura capitalista como a nossa, essa transformação não é tão simples.

Os que persistiram no local, lutaram e resistiram ao sacrifício, sentem-se vitoriosos, talvez até um herói.

Os filhos da gente ajudam a tirar leite, ganhamos em média R\$ 400,00 reais com o leite. Temos em média 15 a 20 vacas que compramos através de um financiamento no Banco do Brasil, já faz uns 7 anos. Além disso, colhemos feijão, milho para nossa sobrevivência; vendemos também algumas verduras (GERALDO ALVES DOS SANTOS).

Nesse sentido, podemos buscar em Bakhtin (1992a), a questão da compreensão do papel do “outro” na constituição do “eu”, pois baseando-se no discurso capitalista, sente-se vitorioso por ter seu pedacinho de terra, seu gado e suas plantações. Desenvolvendo, assim, a idéia de que a consciência do autor é aquela que abarca e dá acabamento à consciência do herói e do seu mundo, podendo-se dizer que o autor é para o herói o que o outro é para

mim, é o ponto de vista do outro que me dá acabamento. Com essa idéia, o texto de Bakhtin (1992b) defende a posição de que o acabamento do eu vem de fora, é o outro que me completa.

No entanto, segundo Oliveira (2006), o lugar de onde vejo o outro e de onde ele me vê não é fixo, não é qualquer lugar. É sempre um lugar social, valorado, que significa. Por isso, o nosso entrevistado repete o mesmo discurso dos donos da terra, dos capitalistas, para julgar seu colega assentado.

Infelizmente, 40 por cento dos primeiros moradores venderam seu pedaço de terra e foram embora. Os moradores que não pararam lá, é porque não gostam de trabalhar, venderam a terra e pegaram o dinheiro. Hoje se vende um pedaço de terra lá por 20.000,00 a 30.000,00 dependendo dos benefícios da parcela. Por isso, tem sempre outras pessoas entrando lá (GERALDO ALVES DOS SANTOS).

Incorporando o discurso do outro, condenam os companheiros que não resistiram à luta, às dificuldades e deixaram seu pedaço de terra. Vemos a presença do discurso capitalista o “outro” que faz parte do discurso do “eu”. Nesse sentido, vemos a relação necessária entre o eu e o outro, pois segundo Bakhtin (1992b, p. 378) “tudo o que me diz respeito a começar pelo meu nome [...] vem do mundo exterior, da boca dos outros [...] a consciência do homem desperta envolta na consciência do outro”.

Pode-se afirmar, assim como Hall (2005), que “mais apropriado do que falar em identidade é falar em identificação, para fazer referência a esse processo em constante construção e reformulação, típico do ser humano”. A identidade do sujeito pós-moderno não é fixa, define-se historicamente variando de acordo com as representações e interpelações culturais, afinal o sujeito constitui-se *no e pelo* olhar do outro (BAKHTIN, 1992b).

Verifica-se, assim, que os tempos pós-modernos se caracterizam pela emergência das contradições ou paradoxos, pelo imbricamento entre a vontade de liberdade e o aumento do controle e da dependência, pela exacerbação do individualismo egoísta e, paradoxalmente, pelo crescimento de movimentos solidários que lutam em defesa da pobreza, contra a discriminação, contra toda injustiça (CORACINI, 2006).

Quanto à escola do Assentamento, o nosso entrevistado comenta

No Assentamento tem uma escola, com quatro salas de aula. Mas a partir desse ano temos só duas professoras. Antes tínhamos 6 professoras. Esse ano, a prefeitura queria fechar a escola, porque tem poucos alunos no Assentamento, não compensa o gasto. Nós fomos falar com a Secretária de Educação, ela marcou uma reunião e pediu pra gente esperar um tempo que ela ia ver com o Prefeito o que podia ser feito. Mas não esperamos, entramos com recurso e fomos conversar direto com o Prefeito e o prefeito resolveu deixar só duas professoras. A escola tem 48 alunos ao todo, tenho dois filhos nessa escola (GERALDO ALVES DOS SANTOS).

A escola de hoje, como todos sabemos, funciona no regime de exclusão da diferença, de sua marginalização (FOUCAULT, 1997). Por isso pouco se investe nas escolas das periferias, dos distritos, dos assentamentos. Assim sendo, se não houver um ensino diferenciado, se não se passar para um outro sistema, uma outra forma de ver o

ensino, o que é ensinado, não se legitimará, ou não haverá como prender atenção dos escolarizados, pois só é aprendido aquilo que fizer sentido (ecoar) na memória, houver identificação. Do contrário, será só repetição imediata que não se historiciza, não se fixa, não se desloca, não transfere sentidos de uma para outra cultura, não prende a atenção dos educandos em processo de formação.

Continuando seu depoimento sobre as condições da escola do Assentamento, nosso entrevistado afirma

As duas professoras que temos hoje na escola, uma dá aula para os alunos de primeira e segunda séries juntas e a outra, para os alunos de terceira e quarta séries juntas. Um professor só dá todas as disciplinas. (GERALDO ALVES DOS SANTOS).

Percebe-se que não há investimento em um ensino de qualidade para as crianças daquele local, pois é humanamente impossível, acompanhar bem alunos de duas séries diferenciadas ao mesmo tempo e, ainda, ministrar aulas de todas as disciplinas, não há como acompanhar o cotidiano de cada criança. E sobre isso, sabemos que caso a escola se omita e continue à margem do cotidiano vivido pelas crianças trabalhadoras, torna-se mais difícil a emergência de resistências conscientes e organizadas, aumentando as possibilidades de controle, tornando-se menos autônomas e menos competitivas para a disputa no mercado.

É importante salientar que o conhecimento não é só um conteúdo a ser ensinado, um conjunto de informações: é um elemento estruturante do ser em uma sociedade capitalista. Assim, a questão da escola ganha outra dimensão. Para isso, é preciso atender a manifestações de interesse da comunidade de terem acesso ao processo formal de escolarização.

Além dos alunos que estudam no próprio Assentamento, há outros que precisam se deslocar de ônibus, diariamente, para outro distrito para estudar, isso é comprovado pelo relato de nosso entrevistado.

Temos também mais 50 alunos que estudam no Tamandaré, vão de ônibus da Prefeitura, são os que estudam o ginásio. O prefeito não tem interesse de deixar esses alunos estudando no Assentamento. Eles têm que viajar todos os dias para o Tamandaré. Eles sofrem muito, o lugar não é muito longe, mas é muito demorado porque não arrumam as estradas. Elas estão intransitáveis. (GERALDO ALVES DOS SANTOS).

Como sabemos, uma das grandes dificuldades do ensino é a descontinuidade no processo de ensino e escolaridade. No caso dos assentados, trata-se, fundamentalmente, da descontinuidade entre o que se produz na escola em relação ao sistema institucional escolar geral do país e a sua cultura local. O fato de os alunos saírem de seu local de moradia para terminar o seu ensino fundamental (5<sup>a</sup> a 8<sup>a</sup> séries) noutro *locus* “Tamandaré”, desloca essas crianças de sua realidade para estudar outras, retira-as de seu local de trabalho, de convivência, onde poderiam desenvolver pesquisa para incrementar o seu próprio local de moradia, passar a ter mais amor por sua terra e buscar alternativas para os problemas enfrentados.

Defendemos o princípio de que a educação para o campo deva ser um ensino diferenciado que atenda às necessidades e anseios locais, no entanto, não pode estar desvinculado da formação crítica geral do aluno, é preciso dar condições para que leiam não só o código, mas possam dar sentido ao lido, trabalhar sua capacidade de autoria, de encenação, das diferentes formas de discurso, de saber a importância do letramento para que possam buscar seus direitos, de analisar seus problemas e buscar soluções para os problemas enfrentados.

Nesse sentido, Foucault (1997) salienta que a escola deve dar acesso aos diferentes discursos: ao discurso político, técnico, científico, religioso, administrativo etc. Será esse acesso que permitirá compreender o poder, a religião, a sobrevivência etc., ao mesmo tempo, em que se opõe, estruturalmente, em relação, às diferentes culturas.

Sabemos que do ponto de vista do capital sócio-cultural, o nível de instrução e o acesso à educação da população residente na zona rural são importantes indicadores da desigualdade social existente entre as zonas rural e urbana. Os dados têm nos mostrado que a escolaridade média da população de 15 anos ou mais, que vive na zona rural, (3,4) corresponde a quase metade da estimada para a população urbana, ficando evidente a necessidade de ações efetivas para a diminuição dessa disparidade.

Parece-nos que a falta de investimento em educação, dentro do próprio Assentamento, é uma forma de ir afastando os jovens do local. Isso é percebido pelo nosso entrevistado ao afirmar:

Os filhos da gente em vez de ficar na terra ajudando os pais, saem pra estudar em Cassilândia, pra lá, vão 13 alunos que estudam o colegial. Eles ficam lá direto, porque não tem carro para ficar indo e voltando. Pra Inocência vão mais 5 alunos que também estudam o colegial é que eles têm parente morando lá (GERALDO ALVES DOS SANTOS).

Diante do exposto, é importante reconhecer que uma política pública de Educação do Campo deveria respeitar todas as modalidades de educação, que se orientassem pela existência do campo como um espaço de vida e de relações vividas, porque o campo é um espaço, ao mesmo tempo, produto e produtor de cultura. É essa capacidade produtora de cultura que o constitui como um espaço de criação do novo e do criativo e não, reduzido meramente ao espaço da produção econômica, como o lugar do atraso, da não-cultura (PAES, 2004).

Nesse contexto, reafirma-se a urgência de rever o projeto político pedagógico da escola do campo, para a educação das crianças e para a formação permanente de jovens e adultos, revalorizado enquanto instrumento de afirmação das identidades socioculturais das populações, difusão de valores éticos de justiça e solidariedade, superação de preconceitos, promoção de direitos humanos, formação para o exercício da cidadania, incentivo à participação democrática, ao controle cidadão sobre governos e do desenvolvimento local (PAES, 2004).

A falta de investimento em educação, em infra-estrutura do local, em saúde, em comunicação, é um dado bastante revelador do quanto esses moradores são esquecidos, apesar de sua luta por melhores condições de vida, eles sabem que há muito a ser feito e, sentem-se sem voz, não há quem os ouça.

Essa é mais ou menos a nossa vida. É preciso gostar do lugar pra continuar aqui. Só quem tem muito amor pela terra continua. Os políticos não se interessam muito pela nossa gente. Se interessassem, já teriam resolvido pelo menos o problema de nossa água (GERALDO ALVES DOS SANTOS).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, percebe-se que mesmo havendo um debate acirrado entre os moradores, pertencentes aos movimentos sociais no campo, sobre a importância de se trabalhar a terra, plantar, colher e investir na pequena agricultura; esse debate está ausente nos espaços universitários, apesar de anunciarem referências para leitura de “um novo mundo real”, que desconsidera “a educação e os assentados como produtores de saberes ... sem voz e vez”, nega, assim, as condições reais para o esclarecimento histórico e de suas possibilidades diante do contexto da sustentabilidade.

Eis as razões para buscarmos uma releitura do espaço dos assentados – cotidiano produtivo-educativo, para descobrirmos a realidade de vida e da educação no campo, como forma/protesto de erguer uma ação político-cultural comprometida com os excluídos. Almejando, assim, uma ação educativa e política (para todos os assentados) que torne real a vida e a educação no/do campo, transformando-a em meio fundamental para se alcançar uma melhor qualidade de vida, de cidadania e uma maior participação nos processos produtivos, assim como, contribuir para o desenvolvimento local e sustentável.

Como se vê, são anúncios que desafiam educadores críticos diante da urgência de construções coletivas que promovam justiça curricular quanto à distribuição das oportunidades educacionais.

Certamente não serão as degradadas e alienadas escolas públicas que predominam em nosso país e especialmente no meio rural, que conseguirão fazer frente às necessidades de educação destes novos sujeitos sociais que a luta pela reforma agrária vem forjando (CALDART, 1995, p. 115).

Para que tais princípios fossem desenvolvidos seria necessário que houvesse uma re-significação dos sentidos (práticas culturais e ideológicas) e dos sujeitos (assentados) e, para isso, as ações dos educadores do local seriam de extrema relevância, uma vez que estes estão também sujeitos a transformações.

Assim, é de suma importância que se crie condições, no intuito de os assentados compreenderem a situação de vida em que estão inseridos na história de sua cultura e nas situações sócio-históricas presentes. É preciso levá-los a relacionar o seu modo de viver com o modo de viver de outros assentados, de outras culturas, mobilizar outras formas de linguagens, diferentes relações dos assentados entre si e com sua memória, pois isso só vem acrescentar à sua experiência simbólica, a seus valores culturais e a sua formação discursiva.

Assim sendo, podemos afirmar que as questões tão defendidas pela globalização, como as questões econômicas, a comunicação, a educação que passaram de situações localizadas para situações universais, abertas a todos, sem distinção e discriminação, são argumentos que talvez sejam válidos para alguns, mas não para todos, muito menos para os moradores do Assentamento Serra.

## REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. (Trad. Michel Lahud e Yara F. Vieira). São Paulo: HUCITEC. 6. ed., 1992a.
- \_\_\_\_\_. **Estética da Criação verbal**. Campinas: Martins Fontes, 1992b.
- CALDART, Roseli Salete. Educação popular no meio rural: as experiências pedagógicas nas escolas do MST. In: SILVA, Luiz Herón da & AZEVEDO, José Clóvis de (Org.). **Reestruturação Curricular**. Petrópolis: Vozes, 1995.
- CORACINI, M. J. Identidades mltiplas e sociedade do espetáculo. In: MAGALHÃES, I.; GRIGOLETTO & CORACINI, M. J. (Org.). **Práticas identitárias: língua e discurso**. São Carlos: Editora Clara Luz, 2006.
- FOCAULT, M. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.
- HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. (Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro). Rio de Janeiro: DP & A editora, 2005.
- MEURER, J. L. Uma dimensão crítica do estudo dos gêneros textuais. In: MEURER, J. L. & MOTTA-ROTH, D. (Org.). **Gêneros Textuais**. Bauru: EDUSC, 2002.
- ORLANDI, E. P. **Língua e Conhecimento lingüístico: para uma história das idéias no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2002.
- \_\_\_\_\_. Identidade Lingüística escolar. In: SIGNORINI, I. **Língua(gem) e identidade**. Campinas: Mercado de Letras, 2001.
- OLIVEIRA, M. B. F. Alteridade e construção de identidades pedagógicas: (re)visitando teorias dialógicas. In: MAGALHÃES, I.; GRIGOLETTO & CORACINI, M. J. (Org.). **Práticas identitárias: língua e discurso**. São Carlos: Editora Clara Luz, 2006.
- PAES, A. Educação no campo: um olhar sobre os dados das escolas rurais. **Anais do I SCIENCULT...** Paranaíba: FIPAR, 2004.